

Sabrina Maciel<sup>1</sup>  
Kelly de Oliveira<sup>2</sup>  
Neli Galarce Machado<sup>3</sup>

## **A CONSOLIDAÇÃO DA FENOMENOLOGIA NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS ARQUEOLÓGICAS DO BRASIL**

### ***THE CONSOLIDATION OF PHENOMENOLOGY IN BRAZIL ARCHEOLOGICAL SCIENTIFICS PRODUCTION'S***

---

<sup>1</sup> Universidade do Vale do Taquari

<sup>2</sup> Universidade do Vale do Taquari

<sup>3</sup> Universidade do Vale do Taquari

## RESUMO

O interesse pelo constructo Paisagem e Fenomenologia para a Arqueologia tem aumentado paralelamente ao número de artigos, teses e dissertações. Deste modo, compreende-se que, os estudos focados nos espaços, tempo e interações, demonstram como as relações existentes entre os humanos e seus ambientes, são importantes para a construção da nossa identidade e história. Com o objetivo de analisar a produção científica acerca da temática, realizou-se uma revisão sistemática da bibliografia. A metodologia selecionada para a elaboração do artigo partiu do levantamento bibliográfico; da seleção e análise de dez artigos os quais foram categorizados conforme a temática e agrupados por intervalos de anos. Como resultados preliminares verifica-se o aumento significativo na última década do século XXI tendo como base os estudos fenomenológicos em investigações arqueológicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arqueologia; Fenomenologia; Revisão integrativa.

---

## ABSTRACT

The interest in Landscape and Phenomenology construct for Archeology has increased in parallel to the number of articles, thesis and dissertations. In this way, it is understood that the focussed studies in the spaces, times and interactions demonstrates how the existing relationships between humans and their environment are important to the building of our identity and history. Aiming to analyze the scientific production about the theme, it was made a systematic review of the bibliography. The chosen methodology for the development of this article began from the bibliographic inventory, of the gathering and analysis of ten articles which were categorized according to the theme and grouped by year intervals. Preliminary results show a significant increase in the last decade of the 21st century, based on phenomenological studies in archeological investigations.

**KEYWORDS:** Archeology; Phenomenology; Integrative Review.

## INTRODUÇÃO

A história da arqueologia está fortemente vinculada às investigações, aos métodos e às novas visões sobre o conhecimento humano e que aprimoram-se com o tempo. Segundo Renfrew e Bahn (1998), considera-se que a Arqueologia é a história de todos os descobrimentos, mas além disso, é a de como olhar as evidências do passado humano com métodos e visões científicas atualizadas. O potencial das evidências arqueológicas está relacionado às investigações dos aspectos sociais e culturais das antigas sociedades, no entanto, devido a fatores, como as percepções e as relações dentro de grupos divergentes, não se é possível conhecer a história em sua totalidade. Cabe então, ao arqueólogo, tentar aproximar-se das perspectivas que melhor elucidam o cenário em questão. Dito isso, com relação a essas dificuldades, entende-se a necessidade de projetar novas formas de reconstruir momentos específicos da história mais antiga das civilizações e grupos humanos.

Posto isso, com o propósito de compreender os cenários mais remotos sob uma perspectiva multidisciplinar, a espacialidade e o contexto ambiental passam a ser o foco do estudo. Por meio dessas múltiplas facetas é que as conexões resultam em novas reconstruções conceituais de ambientes naturais e antropizados. Com o objetivo de analisar as características para preencher lacunas históricas de um contexto regional sobre áreas de assentamentos antigos e as particularidades postas como os usos, os abandonos e os deslocamentos territoriais, a disponibilidade de recursos naturais, as alterações climáticas, os fenômenos meteorológicos e hidrológicos, optou-se por utilizar como metodologia dessa reflexão, a fenomenologia da paisagem.

O termo e conceito Fenomenologia surgiu na Alemanha, em fins do século XIX e primeira metade do século XX, e tem como fundador, Edmund Husserl (1859-1938). A palavra Fenomenologia, neste contexto, significa a reflexão sobre um fenômeno que se mostra de forma abstrata e física. Isso significa vê-lo em suas diferentes formas e significados para alcançar diferentes sentidos. Já a Fenomenologia da Paisagem é compreendida como um alicerce filosófico para abordagens humanistas, em que se converte um espaço em lugar. Assim, promove-se uma conexão emocional humana que oferece aos indivíduos uma identidade cultural, registrada como algo que dá forma, aproxima e identifica pessoas. Mas além disso, contribui para o deciframento de modos e de costumes os quais ajudam a compreender as diferenças e similaridades culturais e étnicas.

A análise da paisagem na arqueologia sob a perspectiva fenomenológica no Brasil é recente. Historicamente, as ideias fenomenológicas estão presentes no Brasil a partir da década de 1970. Embora, seja uma das mais importantes contribuições para a arqueologia, este método ainda conta com limitadas aplicações no âmbito acadêmico nacional. Porém, conforme o levantamento das produções científicas desde o início da década de 2000, o cenário vem se modificando.

Em relação a essa tardia procura pela fenomenologia nas pesquisas arqueológicas nacionais, o motivo está vinculado ao fato de que Husserl não escreveu uma obra apresentando aspectos do percurso metodológico. Nota-se que os livros publicados são esboços e anotações pessoais que costumam ter exposições artificiais. A transcrição de manuscritos e anotações de Husserl, feitas por seus seguidores, como Edith Stein, é onde se encontram detalhamentos sobre os principais aspectos da metodologia fenomenológica. Stein foi uma das estudantes mais próximas de Edmund Husserl. As leituras de Stein, especialmente do livro “Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia Fenomenológica” foram importantes para o avanço da teoria. Outro nome importante da teoria fenomenológica é Angela Ales Bello. Bello dedicou-se sobretudo ao aprofundamento da metodologia proposta por ambos os filósofos. Foi presidente e uma das fundadoras do Centro Italiano Di Ricerche Fenomenologiche, com sede em Roma, Bello é docente de História da Filosofia Contemporânea na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Università Lateranense (PUL), especialista na fenomenologia de Edmund Husserl e pesquisadora do pensamento de Edith Stein.

Para entender a aplicação do método fenomenológico nas pesquisas arqueológicas brasileiras, é que decidiu-se organizar esse texto com base nas produções científicas brasileiras a partir dos anos 2000. Optou-se por artigos de periódicos disponíveis na Base de dados SciELO, Google Acadêmico, teses de doutorado e dissertações de mestrado, produzidos por programas de pós-graduação associados às suas universidades e disponíveis na plataforma da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) da CAPES.

## METODOLOGIA

Com base na pesquisa realizada, entende-se que as produções sobre epistemologia para arqueologia são escassas no Brasil. O levantamento e revisão bibliográfica foram de caráter sistemático acerca do tema pré-fixado “fenomenologia da paisagem na arqueologia”. O período do rastreamento se deu de março a maio de 2021. Inicialmente, foram selecionadas 23 produções científicas. A análise dessas publicações teve duas etapas, na primeira etapa realizou-se o levantamento bibliográfico nas plataformas citadas acima cujo indexadores se ampliaram às seguintes palavras-chave: fenomenologia e arqueologia da paisagem, por fim organizou-se o quadro 01.

Nome da publicação	Autor(es)	Ano da publicação	Tipo de pesquisa
Tópicos de arqueologia da paisagem	J. L. Morais	2000	Artigo
A paisagem revisitada	Á. Domingues	2001	Artigo
Arqueologia da Paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais	A. C. de Souza	2005	Artigo
Introdução à fenomenologia	A. A. Bello	2006	Livro
Narrativas espaciais das ações humanas - História e aplicação da arqueologia espacial como teoria de médio alcance: o caso das estruturas semi-subterrâneas do planalto Sul-brasileiro	S. M. Copé	2006	Artigo
A experiência da paisagem estancieira. Um estudo de caso em arqueologia fenomenológica	C. S. Rahmeier	2007	Tese
Uma Fisiologia da Paisagem II: Percepção e Movimento	J. R. Pellini	2008	Artigo
Arqueologia da Paisagem e geoarqueologia: Experiências em projetos de pesquisa	L. da C. Honorato	2009	Artigo
O conceito de paisagem em Arqueologia	M. Fagundes	2009	Artigo
Construindo paisagens como espaços sociais: o caso dos geoglifos da Acre	D. Schaan; et al	2010	Artigo
Por uma arqueologia fenomenológica: Experiências múltiplas em um lugar (sítio Ari Duarte I, Pinhal da Serra/RS)	C. Bisinella	2012	Tese
Considerações para o estudo de fogueiras nas terras Altas Sul-brasileiras	L. W. de Azevedo	2013	Artigo
Uma estratigrafia da paisagem Proto-Jê Meridional: Um estudo de caso em Urubici, SC	R. Corteletti	2013	Artigo
Fenomenologia da percepção segundo Maurice Merleau-Ponty	S. A. Freitas; L. M. de Oliveira, et al.	2014	Artigo
Uma abordagem do conceito de paisagem cultural em Arqueologia Pré-histórica	J.F. Teixeira	2014	Dissertação
Arqueología del Paisaje en Uruguay.	C. G. García	2015	Artigo
Fenomenologia, paisagem e arte contemporânea	V. Pallamin	2015	Artigo
A paisagem geográfica através da fenomenologia: possíveis caminhos para a construção de um método	C. A. dos Santos e F. S. de Souza	2016	Artigo
Fenomenologia e Psicologia no Brasil: aspectos históricos	A. F. Holanda	2016	Artigo
Raízes de Bom Jesus e São José dos Ausentes	S. M. Copé	2016	Artigo
Fenomenologia da paisagem: Prolegômenos de uma geografia das essências	R. B. Ferreira	2017	Artigo
Paisagem e Arqueologia: aproximações e potencialidades	A.M. Bandeira, V. M. da Silva Neta e L. S. Soares	2018	Artigo
Arqueologia da paisagem aplicada ao estudo de sítios arqueológicos Jê Meridionais nas bacias hidrográficas dos rios Forqueta e Guaporé/Rio Grande do Sul	S. Wolf	2018	Tese

Quadro 01 Publicações analisadas durante o ano de 2021.

Fonte: dos autores (2022).

## A FIM DE TEORIZAR: A RELAÇÃO DA FENOMENOLOGIA E DA ARQUEOLOGIA

Para o historiador, o método fenomenológico é um recurso instrumental próprio à elaboração da difícil arte de narrar uma ação que efetivamente ocorreu (Gomes, 2010). Logo, a fenomenologia contribui para a preparação de narrativas que respeitem a evidência e a interpretação. Entende-se que o pesquisador em arqueologia ao analisar sob o viés fenomenológico um determinado assentamento antigo, passa a delinear vivências coletivas em e nas comunidades antigas, além de correlacionar outras formas de percepção do mundo por meio da análise da ecologia de paisagem, da análise de paisagem como efeito geográfico, da história ambiental e dos aspectos da cosmologia. Isso está relacionado a resultados analíticos como os tecnológicos, criativos, artísticos, cosmológicos, ecológicos e políticos.

A fenomenologia, estabelece aspectos para a compreensão das dinâmicas sociais e étnicas e auxilia na compreensão do passado cultural e ambiental, especialmente por onde os sítios arqueológicos estão localizados. O trabalho do arqueólogo é entender, através das diferentes metodologias e técnicas, qual a melhor reconstrução para a interpretação do espaço, considerando o máximo de evidências materiais, sedimentológicas, processos e dinâmicas de estabelecimentos e abandono do lugar e quais etnias ou fazedores de uma tecnologia padronizada, a qual pode estabelecer as tradições a partir da cultura material.

Após as leituras, algumas reflexões vieram à tona e, pontualmente, entende-se que ao utilizar-se da metodologia fenomenológica é possível para o arqueólogo levantar as características da paisagem à sua época; identificar traços ambientais, ecológicos ou materiais introduzidos ou elaborados pelos grupos em estabelecimento do território; reconhecer e analisar as mudanças dos padrões de assentamentos nas áreas do sítio; compreender a relação social, cosmológica, produtiva e econômica do grupo com o ambiente [focando em perspectivas naturais e simbólicas]; entender os fatores pós deposicionais com cunho ambiental e construtivo/antrópico que estão nos sítios arqueológicos. Em síntese, o principal fundamento é a reflexão sobre a maneira de como os seres humanos moldaram e manejaram os seus espaços naturais, sociais, produtivos, culturais e simbólicos.

A análise em foco se construiu por meio dos descritores de assuntos, para isso, optou-se por analisar as publicações e adotar categorias que melhor representassem o objeto de pesquisa (Figura 1). Por meio do organograma se observa que algumas categorias não são excludentes, um mesmo artigo pode pertencer à "psicologia" e à "fenomenologia", por exemplo. A pergunta norteadora sobre as categorias de análises foi sobre o por que a paisagem, o tempo e o espaço são termos comuns nas produções de categorias para a compreensão da paisagem. Para isso, buscou-se em Bertrand (2004, p.141), o qual escreve que a paisagem

[...] não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antró-

picos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.

A paisagem tem sido considerada fortemente, no campo das representações, uma estrutura geográfica, onde ações e pensamentos ocorrem, todavia na maioria dos estudos, não está relacionada à subjetividade da existência humana. Ao observar as paisagens em contextos arqueológicos, nota-se que existe uma perspectiva traçada pelo estático, levando o espaço apenas à condição de sítio arqueológico fixado no campo físico e geográfico. Por sua vez, estudos com ênfase em fenomenologia apontam a importância de se “olhar” estes espaços para além, afinal eles possuem uma dinâmica como a ação e o movimento, elementos esses, capazes de perceber espaços ocupados por diferentes grupos em tempos divergentes. Dito isso, a paisagem pode ser considerada a partir das inúmeras maneiras que os indivíduos dão significados e perspectivas aos lugares, o que permite que se replique essa discussão a diferentes áreas, concedendo uma discussão sobre as relações culturais e da natureza a outros conceitos, tornando a paisagem, um tema interdisciplinar.

Como se observa na figura abaixo (Figura 01) a interdisciplinaridade é o eixo estruturador da metodologia fenomenológica. Percebe-se que esta temática abrange diversas áreas do conhecimento, como a História, a Arqueologia, a Geografia e a Arquitetura. Vale destacar que cada uma dessas áreas contém conceitos específicos que se interligam, tornando possível, a construção interdisciplinar entre ambas. Assim, a interpretação da paisagem está vinculada ao sentido de pertença, de ligação/vínculo e de estabelecimento de fatores os quais produzem diferentes aspectos para o pesquisador.

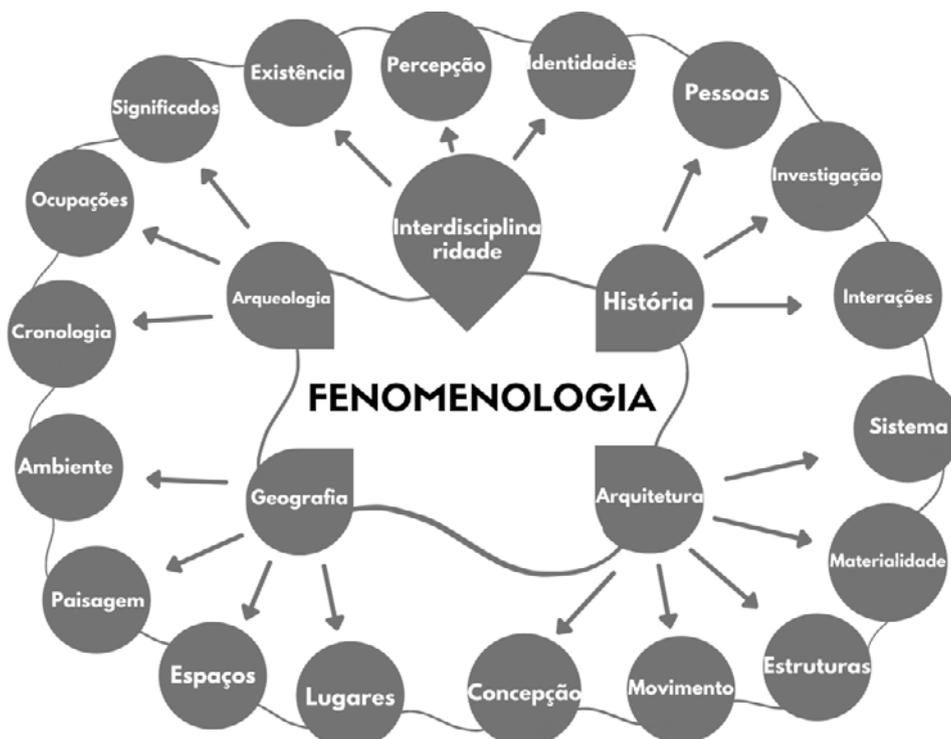


Figura 01 Organograma referente aos conceitos estabelecidos para análise dos documentos.  
Fonte: dos autores (2020).

## OS ESTUDOS SOBRE O CONTEXTO FENOMENOLÓGICO E ARQUEOLÓGICO NOS ANOS DE 2000 A 2018

Com o intuito de oferecer um panorama sobre a evolução da produção científica fenomenológica, este artigo tece um esboço acerca da evolução metodológica no país, partindo do processo de desenvolvimento do método husserliano. Das observações iniciais, aponta-se que os trabalhos contemplados nesta revisão utilizam-se do método fenomenológico como forma de entender e perceber as influências do ser humano no mundo. A partir dessa premissa compreende-se as relações dialéticas, as quais envolve os humanos, as individualidades, as demandas culturais e as vivências coletivas. De modo geral, a partir da análise dos textos escolhidos e do quadro produzido, entende-se que o estudo fenomenológico auxilia na identificação dos povoamentos existentes em determinados locais e dos traços e das suas características definidoras. Provavelmente, estudar esses espaços de estabelecimentos de assentamentos humanos auxilia no reconhecimento das inúmeras transformações e padrões das áreas e, ainda, dos fatores que provocaram tais mudanças. Em resumo, a partir da fenomenologia, é possível contemplar como tais sociedades modificam e interagem com os espaços em que vivem.

Para realizar a análise da figura abaixo (Figura 02) foram determinados períodos, a fim de entender as variações na procura do método analisado.

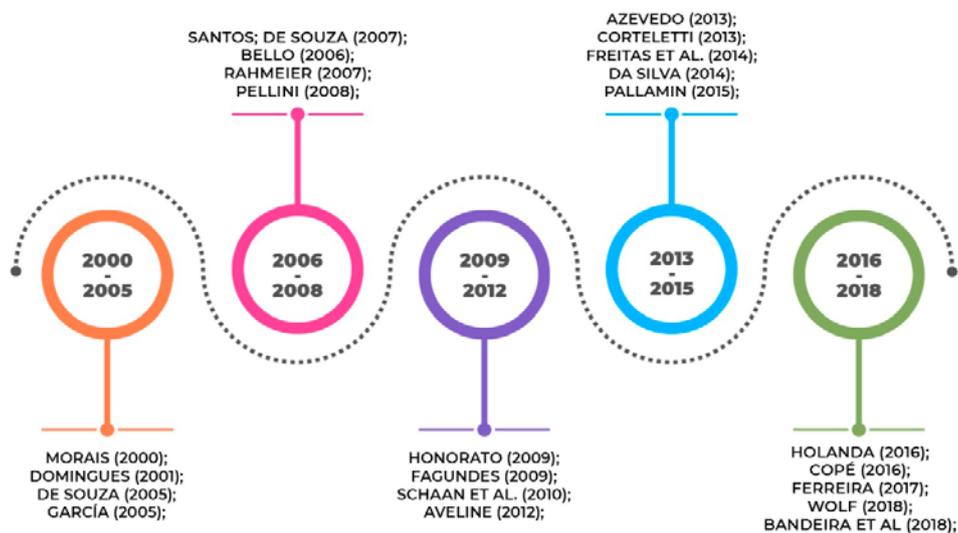


Figura 02 Evolução temporal das publicações.  
Fonte: dos autores (2021).

## RESULTADOS

Expressando-se por meio de diferentes perspectivas e ultrapassando melhores elementos físicos, a análise fenomenológica tem permitido sistematicamente o desenvolvimento de novas visões sobre os espaços ocupados por inúmeros grupos humanos. A partir dessa perspectiva é que se compreende como ocorreu a evolução das análises dos antigos assentamentos no território nacional.

Com a análise dos estudos selecionados entende-se que entre os anos de 2000 a 2005, existe uma evolução e possível alta na procura pelo tema que envolve a fenomenologia e a sua metodologia. Têm-se neste período a presença, em sua grande maioria, de textos introdutórios que trabalham com filósofos como Edmund Husserl, Maurice Merleau-Ponty, Edith Stein e Angela Ales Bello. Analisando essas produções, verifica-se que essas pesquisas encontram-se em “fases iniciais”. Nota-se que as abordagens interdisciplinares ainda estavam sendo ampliadas como forma de reforçar o caminho da investigação arqueológica. Nesta etapa, contempla-se que termos como “paisagem”, “espaço” e “identidade” eram inicialmente discutidos de diferentes formas e visões, a fim de desconstruir pensamentos concretos, que demonstravam a necessidade de esclarecimento sobre as contrariedades existentes nesses conceitos.

Nos anos de 2006 a 2008, nota-se que o principal enfoque é a compreensão da sociedade por meio da cultura material, que passa a ser vista como algo humanizado e não apenas em termos físicos. Percebe-se também, uma grande preocupação em relação às questões que envolvem o ser humano e os espaços em que vivem. Observa-se que a potencialidade dos espaços passa a ser discutida, assim como os processos culturais tornam-se um fato construtivo nas pesquisas e produções arqueológicas. Vale destacar que no ano de 2006, foi desenvolvida, no Brasil, uma obra introdutória à Fenomenologia intitulada “Introdução à fenomenologia”, escrita por Angela Ales Bello, obra está que teve uma grande contribuição para que várias publicações comesçassem a surgir, e posteriormente, tornar-se referência no contexto nacional.

Das publicações realizadas entre os anos de 2009 e 2012, a metodologia da fenomenologia passa a ser utilizada para a formação de hipóteses, reconstituições e deduções sobre as ocupações, as populações e os territórios que determinados grupos habitavam. Percebe-se diversos detalhes do pensamento husserliano, tais como, o reconhecimento das vivências, a contemplação do mundo, o questionamento sobre as experiências humanas e a relação do passado como o seu componente narrativo. Como resultado disso, é possível concentrar os estudos, buscando entender as sucessivas ocupações e também as possíveis mudanças, entendendo e ampliando a noção sobre o sítio arqueológico estudado e como ocorreram diversas transformações, em diferentes períodos, em uma mesma paisagem.

Com foco na interdisciplinaridade, as publicações de 2013 até 2015, concentram-se principalmente nas conjecturas sobre as identidades culturais a partir

da cultura material, nos significados culturais e nas diversas formas de conhecimento de áreas distintas. Outro viés abordado, é a importância e necessidade de estudar os espaços e as formas de pensar as coisas materiais, conceituais e culturais, ou seja, a identidade passa a ser uma materialização das diversas culturas em questão. Nota-se que, a partir deste período, as investigações no campo da arqueologia, utilizam-se cada vez mais do método fenomenológico para compreender e aprofundar suas premissas.

Nos últimos anos do recorte (2016 a 2018), a paisagem já é considerada um fator essencial nas investigações. Nota-se neste período de tempo que existe uma intensa preocupação em possuir um olhar mais humanizado, voltado ao sentido de pertença e ligação com o lugar e as suas construções (materiais, culturais e significativas). Com isso denota-se que passam a ser trabalhados métodos para análises a partir da paisagem geográfica, não considerando apenas a sua materialidade, mas sim, as suas construções simbólicas e culturais. Outro ponto a se destacar é o surgimento de produções com posicionamentos críticos ligados à falta de novas visões e possibilidades de pesquisas e análises, o que indica a hipótese sobre a necessidade de transpor diferentes obstáculos impostos pelas escolas e teorias tradicionais.

## DISCUSSÕES

A fenomenologia é apresentada como um método investigativo que busca compreender a aparição das coisas frente à consciência do sujeito, o que torna este método de pesquisa, “uma forma radical de pensar” (MARTINS; BICUDO, 2006, p. 18). Ou seja, o método fenomenológico não aceita pré-julgamentos e dogmas. Desta forma, seu ideal baseia-se na elaboração de uma filosofia descritiva, que através de um método *radical*, precede com a maior liberdade possível em relação aos pressupostos. Esta seria uma hipótese sobre a recente procura pelo método científico, afinal, a fenomenologia busca por uma fundamentação considerada nova, não apenas na filosofia, mas também nas ciências singulares.

Nota-se que houve uma generalização da metodologia das ciências naturais para todos os domínios do conhecimento. Em linhas gerais, pode-se dizer, foi este o pano de fundo no qual emergiu a fenomenologia como alternativa de abordagem das ciências humanas em pesquisa como oposição ao positivismo. A fenomenologia põe em evidência que os seres humanos não são objetos, que suas atitudes não podem ser vistas como simples reações (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990, p. 140).

Assim, de forma geral, observando os quadros produzidos, percebe-se um crescente interesse pelo método de Husserl, sugestionando que esta aproximação seja resultado de outras investigações e pesquisas realizadas que incentivaram a pesquisa pela “nova” metodologia de investigação. Compreendendo que esta sistemática está cada vez mais consolidada, é válido ressaltar que o seu “crescimento” deu-se também por conta da utilização da interdisciplinaridade que a metodologia dispõe.

Husserl rompeu com a epistemologia moderna, o que auxiliou na criação de aberturas para pensar a interdisciplinaridade. Assim, imagina-se que a mesma possibilita a observação dos espaços e dos importantes cenários em suas distintas perspectivas, e desta forma, explorar movimentos e percepções, oferecendo interpretações sobre antigos espaços e os seus processos evolutivos. Este movimento de rompimento inicia-se em “A Filosofia como ciência de rigor” (HUSSERL, 1911, 1973), no qual Husserl busca fazer da Filosofia uma ciência rigorosa, “radicalizando a busca das coisas”, redirecionando a Filosofia a uma efetividade que renovaria a relação entre sujeito e objeto. Esta mudança substituiria a dedução pela “intuição” (base fundamental do conhecer as vivências e entender a consciência). Assim, a Fenomenologia surge como uma possibilidade para o desenvolvimento de pesquisas e estudos, especialmente nas áreas científicas, justamente por considerar todas as diferentes possibilidades. O seu sentido é o da ciência da totalidade.

Dito isso, e explorando os trabalhos considerados atinentes dentro do recorte temporal da pesquisa, aponta-se que nesse artigo, utilizou-se como parâmetro de análise, as ideias propostas por Edmund Husserl, Angela Ales Bello e Edith Stein. A partir disso, em suma, interpreta-se que os principais conceitos dos filósofos citados (inclusive os simbólicos e mentais), as descrições das paisagens, as vivências, os espaços e o próprio tempo, são vistos como algo material, que associa-se a lugares e pessoas. A fenomenologia, como alternativa de um pensar e de um fazer, também conta com diversos conceitos importantes. Considera-se que além da concepção de paisagem, sugere-se definir que outros termos como: ambiente, espaços, pessoas, interações, identidades, significados e percepções são necessários para a construção de uma sólida reflexão. Vale ressaltar que mesmo com significados diferentes, estes termos encontram-se interligados, formando uma grande rede de questionamentos, significações e raciocínios. Diante disso, propõe-se que a fenomenologia auxilia o pensamento. Por exemplo, quando se está em um lugar, em um sítio arqueológico, permite-se observar, sentir, e experimentar o lugar. O olhar logicamente não será o mesmo daquelas pessoas que viviam no tempo mais remoto, porém, observa-se os resquícios, obtendo como resultados, uma aproximação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente análise percebe que a paisagem vai além das condições adaptativas e de sobrevivência, entendendo-a como uma rede de significações infinitas, na qual envolve apegos sentimentais ao lugar, escolhas e estratégias, políticas e ritualísticas. Desta forma, estudar os espaços e seus desdobramentos amplia a visão sobre algo em suas diferentes opiniões e perspectivas. Logo, as questões associadas ao significado, simbolismo e subjetividade do comportamento humano e da cultura material passam a romper com as análises tradicionais.

Se o Positivismo pregava uma visão objetiva do mundo, um conhecimento cada vez mais “neutro”, sem subjetividade, distante do ser humano, a fenomenologia buscava “humanizar” a ciência e dizia que sujeito e objeto, homem e mundo eram pólos inseparáveis (CAMPOS, 2010, p.11).

Deste modo, utilizar a fenomenologia como método de trabalho, tanto na arqueologia quanto em outras áreas, contribui profundamente na percepção do pesquisador em relação às atitudes humanas, fazendo, assim, uma (re)significação do seu ponto de vista. No contexto arqueológico, por exemplo, utilizar-se do método fenomenológico, acrescenta mais uma forma de pensar as sociedades do passado, pois ela inclui uma visão de mundo que integra a cultura material e os seres humanos, não entendo-a como opostos, mas como complementos. A fenomenologia torna-se uma poderosa ferramenta para o estudo de povos do passado e a relação dos mesmos com os lugares em que viveram. Assim como, deixa evidente a importância e necessária reflexão sobre o espaço e o tempo. Vale ressaltar que, além das questões envolvendo a paisagem e suas metodologias, precisa-se pensar sobre a multiplicidade de povos com as suas determinadas especificidades sociais e culturais, compreendendo que mesmo ocupando as mesmas áreas, todos contam com as suas diversificações.

Existem hipóteses sobre os motivos pelos quais os pesquisadores procuraram “esquecer” as diversidades e especificidades dos mais diversos grupos sociais e culturais. Dentre eles, destaca-se as próprias falhas da nossa historiografia brasileira. Segundo Silva (2013, p. 90):

As considerações das experiências únicas em lugares individuais - ou a negação da totalidade - fez com que negassem a existência de classes sociais, encobrissem a esfera da ideologia e o condicionamento dos indivíduos e, os considerassem sem pressupostos, em um contexto histórico em que dificilmente se conseguiria desvelar quais os reais problemas e quais as possíveis soluções. Devido a esta negação, acabou-se por buscar estudar relações harmônicas na sociedade, como se todos os problemas da fome, da miséria, da habitação, da saúde, da educação, da exploração dos homens e da natureza, já tivessem sido resolvidos.

Portanto, para analisar as diferentes dimensões se pressupõe ser necessário “abandonar certas atitudes objetivantes (abstrato-conceituais) próprias da nossa cultura, que nos impede de enxergar a produtividade do momento hilético” (Ghigi, 2003, p. 49). Ou seja, é importante buscar não permanecer e pensar apenas baseando-se em nossa própria cultura e tempo, é preciso ser, estar e ver o mundo em diferentes formas e inúmeras visões.

Conclui-se que, conforme se adquire maior conhecimento sobre as mudanças nos espaços, paisagens e territórios, se entende que a sociedade, e o que a permeia, é algo totalmente divergente do que pensamos. Ou seja, vivemos em um lugar possivelmente mais complexo do que se acredita, por isso, entende-se que a paisagem não é algo estático e tampouco homogêneo. Nesta perspectiva, considera-se que, a partir da apreensão das vivências e dos lugares, assim como, a ação das pessoas como agentes transformadores, permite-se que os mais diver-

so indivíduos criem suas próprias maneiras de classificar e traçar aquilo que está diante de si. Assim, utilizar-se da fenomenologia e das suas diversas formas interpretativas e multidisciplinares, resulta na percepção de diversas novas direções e possibilidades.

## REFERÊNCIAS

- ACHA, Milena. Arqueologia da Paisagem: considerações sobre a perspectiva de vivência e de movimento. *Cadernos do Lepaarq*, v. 18, n. 35, p. 1-19, 2021.
- ASHMORE, Wendy; BLACKMORE, Chelsea. *Landscape Archaeology*. Academic Press: Encyclopedia of Archaeology, p. 1569-1578, 2008.
- BISINELLA, Carolina Aveline Deitos Rosa. Por uma arqueologia fenomenológica: Experiências múltiplas em um lugar (Sítio Ari Duarte I, Pinhal da Serra, RS). Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre, 2012.
- AZEVEDO, Leonardo Waismann; COPÉ, Sílvia Moehlecke; SCHEEL-YBERT, Rita. Considerações para o estudo de fogueiras nas terras Altas Sul-Brasileiras. *Revista Memorare*, v. 1, n. 1, p.63-74, 2013.
- BANDEIRA, Arkley Marques; NETA, Virginia Marques Silva; Santos, Leonardo Silva. Paisagem e Arqueologia: aproximações e potencialidades. *Revista Equador*, v.6, n.1, p. 105-119, 2018.
- BELLO, Angela Ales. *Introdução à fenomenologia*, São Paulo: EDUSC, [2006], 109p.
- BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global. *Revista Ra'eGa*, v. 8, n. 8, p. 141-152, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3389/2718>. Acesso em: 24 ago. 2021.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *Sobre a fenomenologia*. Pesquisa qualitativa em educação. Piracicaba: Unimep, p. 15-22, 1994.
- COPÉ, Sílvia Moehlecke. Narrativas espaciais das ações humanas - História e aplicação da arqueologia espacial como teoria de médio alcance: o caso das estruturas semi-subterrâneas do planalto Sul-brasileiro. *Revista de Arqueologia*, v. 19, n.19, p.111-123, 2006.
- CORTELETTI, Rafael. Uma estratigrafia da paisagem Proto-Jê Meridional: Um estudo de caso em Urubici, SC. *Tempos Acadêmicos*. Dossiê Arqueologia Pré-Histórica, n.11, p.97-116, 2013.
- DOMINGUES, Álvaro. A paisagem revisitada. *Revista Finisterra*, v.36, n.72, p. 55-66, 2001.
- FAGUNDES, Marcelo. O conceito de paisagem em Arqueologia. Os lugares persistentes. *HOLOS Environment*, v.9, n.2, p.301-315, 2009.
- FARBER, Marvin. Edmund Husserl e os fundamentos de sua filosofia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 235-245, dez. 2012. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672012000200014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 06 jul. 2021.
- FERREIRA, Rafael Bastos. Fenomenologia da paisagem: Prolegômenos de uma geografia das essências. *Revista NUFEN: phenomenology and interdisciplinarity*, Belém, v.9, n.2, p.63-74, 2017.
- FREITAS, Simone Aparecida, et al. Fenomenologia da percepção segundo Maurice Merleau-Ponty. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, v.23, 2014. Online. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/site/e/psicologia-23-edicao-novembro-de-2014.html>. Acesso em: 31 ago. 2020.

GHIGI, Nicoletta. A hilética na fenomenologia: a propósito de alguns escritos de Angela Ales Bello. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 4, p. 48-60, 2003. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos04/artigo04.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2021.

GIANOTTI, Camila. Arqueología del Paisaje en Uruguay. Origen y desarrollo de la arquitectura en tierra y su relación con la construcción del espacio doméstico en la prehistoria de las tierras bajas. In: Eleonora Muntañola y Laura Mameli (eds.), *América Latina, realidades diversas*, Barcelona, v. 13, p. 1-13, Colección Amer&-Cat, Aula Abierta 2001-2005.

GOMES, William Barbosa. Relações metodológicas entre fenomenologia, historiografia e psicologia humanista. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 3-11, jun. 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672010000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 06 jul. 2021.

HOLANDA, Adriano Furtado. Fenomenologia Psicologia no Brasil: aspectos históricos. *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, v.33, n.3, p.383-394, 2016.

HONORATO, Laina da Costa. Arqueologia da Paisagem e Geoarqueologia: Experiências em projeto de pesquisa. *Tópos*, v.3, n.1, p.127-147, 2009.

MARANDOLA, Eduardo Jr. Fenomenologia como abertura para a interdisciplinaridade. *Revista NUFEN: phenomenology and interdisciplinarity*, Belém, v. 12, n. 1, p. 1-25. 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912020000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 06 jul. 2021.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria. *Aparecida. V. Existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo: Centauro, 2006.

MARTINS, Joel; BOEMER, Magali Roseira; FERRAZ, Clarice Aparecida. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa algumas considerações. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 24, p. 139-147, 1990. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/wfHN6qH33k7WK5nBfYgTtYy/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 08 set. 2021.

MORAIS, José Luiz de. Topics on Landscape Archaeology. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n.10, p.3-30, 2000.

MOREIRA, Ruy. *Pensamento Geográfico Brasileiro II*. Campinas (SP): PUC-Campinas, 2010 (mimeo).

PALLAMIN, Vera. Fenomenologia, paisagem e arte contemporânea. *Paralaxe*. ISSN, v.3, n.2, p.44-61, 2015.

PELLINI, José Roberto. Uma Fisiologia da Paisagem II: Percepção e Movimento. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n.18, p.3-18, 2008.

RAHMEIER, Clarissa Sanfelice. A experiência da paisagem estancieira: um estudo de caso em arqueologia fenomenológica. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre, 2007.

RENFREW, Colin. BAHN, Paul. *Arqueología: Teorías, métodos y práctica*. Editora AKAL, 1998.

SANTOS, Cláudia Alves dos; SOUZA, Flávia Silva de. A paisagem geográfica através da fenomenologia: possíveis caminhos para a construção de um método.

2007. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/15306102-A-paisagem-geografica-atraves-da-fenomenologia-possiveis-caminhos-para-a-construcao-de-um-metodo.html>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

SCHAAN, Denise, et al. Construindo paisagens como espaços sociais: o caso dos geoglifos do Acre. *Revista da Arqueologia*, v.23, n.1, p.30-41, 2010.

SCHÜTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Zahar, Rio de Janeiro, 1979.

SILVA, Márcio Tadeu da. Uma análise crítica do método fenomenológico e a sua relação com as "geografias" humanistas. *Geografia em Questão*, v. 6, n. 2, p. 63-93, 2013.

SOUZA, Ana Cristina de. Arqueologia da Paisagem e potencialidade interpretativa dos espaços sociais. *Goiânia. Habitus*, v.3, n.2, p. 291-300, 2005.

TILLEY, Christopher. Space, Place, Landscape and perception: Phenomenological perspectives. In *A Phenomenology of Landscape. Places, paths and monuments*. Oxford: Berg, p. 7-34, 1994.

TOURINHO, Carlos Diógenes Cortes. A filosofia como ciência rigorosa, a crítica ao psicologismo e a autorreflexão da consciência transcendental. *Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito*, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p.1-144, 2010/2011.

VALÉRIO, Pedro Henrique Martins; BARREIRA, Cristiano Antunes. Arqueologia fenomenológica, fenomenologia genética e psicologia: rumo à gênese das manifestações culturais. *Psicologia USP*, v. 26, n.3, p. 430-440, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/qpNbwX3CNpwxMJjymVjcc3P/?lang=pt>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

WOLF, Sidnei. Arqueologia da paisagem aplicada ao estudo de sítios arqueológicos Jê Meridionais nas bacias hidrográficas dos rios Forqueta e Guaporé/Rio Grande do Sul. *Revista Ra'eGa*, v.45, n.1, p. 268-280, 2018.

ZILES, Urbano. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 216-221, 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672007000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 06 jul. 2021.